

Tocando em Frente ao Ensinar e Aprender:

A Roda de Musicalidade do CESAS

C) Relato de experiência de professora da universidade, coordenadora da escola pública e estagiários

Uliana D. C. Ferlim
UnB
ulianacirclesongs@gmail.com

Éveri Sirac Nogueira
UnB
everisirac@hotmail.com

Ismael Rattis
UnB
ismaelrattis@gmail.com

Maria Helena Alves de Jesus
CESAS
m-helena2006@hotmail.com

Resumo: Esse texto é um relato de experiência sobre uma ação educacional vinculada ao Estágio Curricular Supervisionado em Música do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Fundamentada em uma perspectiva sociocultural, foi criado um espaço de prática musical, extracurricular, para os alunos da escola e os estagiários da universidade, aberto à comunidade externa, e com intenções de ampliar a visibilidade do componente Música no currículo da Escola. Questões sobre a inclusão, o contexto da escola e o direito à aprendizagem dos alunos estão envolvidas com novas organizações para o aprendizado e serão descritas para refletir sobre uma forma de lidar com o estágio na formação de professores com a criação e desenvolvimento de comunidades de prática.

Palavras-chave: estágio, comunidade de prática, formação de professores

Uma experiência de ensinar e aprender e a (re)construção de um espaço

“Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais...” (Almir Sater e Renato Teixeira, Tocando em Frente, música interpretada na “Roda de Musicalidade” do CESAS)

Esse texto é um relato de experiência sobre uma ação educacional em uma escola pública em Brasília. Está vinculada ao Estágio Curricular Supervisionado em Música do curso de Licenciatura em Música da UnB. Foi criado um espaço de prática musical, extracurricular, para os alunos da escola e os estagiários da universidade, aberto à comunidade externa, e com intenções de ampliar a visibilidade do componente Música no currículo da Escola: a “Roda de Musicalidade do CESAS”. Questões sobre a inclusão do conhecimento musical, o contexto da escola e a necessidade da inclusão e do direito a aprendizagem dos alunos e novas organizações para o aprendizado serão levantadas para refletir sobre uma forma de lidar com o estágio na formação de professores.¹

Desde 2013, Ferlim tem trabalhado com a formação de professores e atuado junto ao ensino de Jovens e Adultos com muitos desafios como a motivação, os significados da música na formação desses sujeitos, a inclusão e o respeito à diversidade de saberes, habilidades e formas práticas e coletivas do fazer musical e pedagógico-musical. A professora tem proposto a criação de ambientes mais propícios à criação e desenvolvimento de práticas coletivas, colaborativas e criativas. O conceito de “comunidades de prática” tem feito parte de suas fundamentações e práticas desde então. Comunidades de práticas, conceito desenvolvido por Jean Lave e Etienne Wenger, são grupos de pessoas que se articulam por meio de interesses ou uma paixão em comum, e à medida em que compartilham seus fazeres, ferramentas e recursos, praticamente, seguem aprendendo e se desenvolvendo (SMITH, M. K., 2003, 2009). Lidando também com atividades no turno noturno e com um público diverso

¹ O CESAS, Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul, localizado no SGAS 602, próximo à região central de Brasília, surgiu após aprovação de Projeto pelo Parecer nº 19/75–CEDF (Conselho de Educação do Distrito Federal) e foi autorizado a funcionar pela instrução nº 29 de outubro de 1975, do Presidente do Conselho Diretor da, então, Fundação Educacional do Distrito Federal. Desde a sua criação, o CESAS vem ofertando a Educação de Jovens e Adultos para os 03 (três) segmentos em 11 (onze) semestres, na modalidade presencial. É uma escola inclusiva com cerca de 20% do total de matriculados sendo pessoas com necessidades especiais. Seu público é oriundo das várias Regiões Administrativas do Distrito Federal. O CESAS é pioneiro na Educação a Distância na SEEDF (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal) e também foi uma das primeiras unidades escolares a inserir estudantes com necessidades especiais na EJA. Além disso, atende pessoas cumprindo medidas socioeducativas, situação de risco, restrição de liberdade, e pessoas de comunidades indígenas, quilombolas, trabalhadores rurais e urbanos. Para mais informações, ver: Projeto Político Pedagógico. Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul CESAS, Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/pp_cesas_plano_piloto-1.pdf> Acesso em 29 set 2019.

em habilidades, faixa etária, preferências, disponibilidades, etc, os desafios, e podemos dizer, alguns ganhos, são observados nos seguintes aspectos:

- 1) Geração de bons espaços para o aprendizado musical na escola pública;
- 2) Trabalho coletivo e colaborativo dos estagiários entre si, e dos aprendizes na escola, e também, aberto à comunidade externa;
- 3) Geração de comunidades de prática interseccionadas: dos estagiários entre si e dos aprendizes na escola;
- 4) Visualização do aprendizado coletivo;
- 5) Geração de comprometimento, motivação, envolvimento, significados, mesclando relações interpessoais mais humanizadas e desenvolvimento musical em variados níveis, dependendo das, e aproveitando, as diferenças de conhecimentos de todos os participantes;
- 6) Confluência da participação e atendimento de demandas variadas: a) dos aprendizes, desejos de aprendizagens de instrumentos diferentes; b) da universidade, reflexão e atuação para a formação do professor; c) da escola, gerar produtos e apresentações musicais; d) dos licenciandos, aprender a ensinar; e) dos estudantes e participantes da escola, aprender música.

No texto que se segue, relatamos a origem do formato de atuação colaborativo entre os estudantes de música e destacamos algumas das principais questões e aprendizados.

A construção de um espaço para a música na escola

“Todas as pessoas podem aprender música, e precisam de apoio para isso. O professor ressalta que se perde muito talento na área de música por falta de apoio e oportunidade. E é preciso que a Escola possibilite aos participantes da Oficina novas oportunidades, abram espaço para que a música continue na vida de cada um dos participantes, criando mecanismos de divulgação para Cursos em Escolas de Música, ou criando espaços para que profissionais desta área sejam apresentados aos estudantes, trazer profissionais para conhecer a Oficina. E Washington diz que o CESAS precisa abrir espaço para que a musicalidade esteja dentro da sala de aula, no currículo básico”. (Projeto “Musicalidade no CESAS”, 2018).

A professora Helena Alves, coordenadora atuante no CESAS, acompanhou nosso trabalho desde o início de 2018, quando o estagiário Washington assumiu, praticamente sozinho, a responsabilidade de continuar o trabalho musical na escola iniciado no ano

anterior. Foi no segundo semestre de 2018 que ela coordenou e apresentou um relatório para inserir a Música como tema transversal no Projeto Político Pedagógico no CESAS. Nossa intenção era trazer mais espaço para a música na escola. A presença da professora sempre foi importante para conseguirmos espaço físico e estrutura como sala para guardar instrumentos e organizar os participantes na escola. Ela foi fundamental também para divulgar, animar e apoiar as ações dos estagiários, tanto no espaço da roda, como também nas salas de aula regular. Então conseguimos um apoio de articulação um pouco mais firme com outros professores. Porém, a experiência da música no CESAS veio de uma experiência anterior que fora construída em outra escola que também oferecia o Ensino Médio e a modalidade EJA, o Centro Educacional GISNO, na Asa Norte em Brasília. Nesta escola, em 2016, a partir da avaliação no estágio realizado em anos anteriores, desenvolveu-se a Ação de Extensão denominada “Oficina das 18”. Ela contou com o apoio da direção e coordenação para as atividades que habitualmente aconteciam no espaço denominado “Cineclube Cafezinho”. O espaço, criado por um grupo de professores com apoio do MINC para trabalhar a cultura cineclubista na escola, abrigou uma série de atividades musicais propostas pela professora Uliana e seus estagiários do curso de Licenciatura em Música da UnB, que vinham se desenvolvendo desde o primeiro semestre de 2014 (FERLIM, 2015). Esse espaço fornecia boas estruturas para trabalharmos a música na escola: espaço, equipamentos audiovisuais, ambiente interdisciplinar, etc.

As “Oficinas das 18”, no Cineclube do GISNO, tornaram-se um espaço de aprendizagem (demandado pelos estudantes e professores da escola para ocorrer no horário extra-curricular das 18 horas) destinado àqueles interessados em adquirir ou desenvolver suas habilidades musicais tanto no que se refere à técnica de cada instrumento (principalmente violão, mas também, teclado, canto ou outros) como também sua capacidade de interação em grupo. As atividades aconteciam com a formação de uma roda de compartilhamento de músicas e ideias musicais em que, por meio da prática e da reflexão coletivas, construía-se a compreensão de estruturas musicais, a composição de arranjos, a apreciação musical, a performance e a improvisação. As atividades foram mediadas pelos estagiários que já tiveram experiência com essa prática no semestre anterior, supervisionadas pela professora da

universidade e contava com a colaboração de alguns professores da escola que algumas vezes tinham algum conhecimento musical.

Em 2017, as condições para a continuidade do trabalho no GISNO não foram boas, principalmente no que se refere à infraestrutura da escola (ausência de sala específica) e a ausência de professores (por diversos motivos) que nos acompanhavam de perto com o suporte administrativo e pedagógico. Então nós seguimos para uma outra escola em busca de espaço e apoio pedagógico. No CESAS nós começamos a oferecer aulas de música seguindo as boas experiências colhidas neste formato da “Oficina das 18”. Aos poucos, foram se agregando interessados na música na escola a partir do interesse do estagiário Jenilson que se responsabilizou pelas ações. O violão foi o instrumento principal de demanda, tanto dentre os estudantes (para quem não gostaríamos de fechar a oferta somente nesse instrumento), quanto ao estagiário da universidade, que na primeira oferta e com a experiência dos outros estagiários no segundo semestre de 2017, se identificavam com esse instrumento e que se animaram em continuar com as ações. No entanto, recolhemos várias histórias de desafios em lidar com a questão da música na escola ser uma outra abordagem que não só o ensino de um instrumento.

Passo então a descrever as ações e algumas questões sobre os aprendizados e os contextos.

O contexto e o papel de professor

“Bom, quando cheguei, pensei comigo mesmo ‘Como deve ser isso de ensinar música para tantas e tão distintas pessoas, esse contexto de uma escola de educação de jovens e adultos? Vou chegar na humildade e ficar observando para sentir a rotina do grupo’. Essas eram algumas das questões que eu pensava antes de iniciar esse trabalho”. (Relato do estagiário Éveri, 2018)

O novo estagiário, que chegou em 2018, já encontrou um ambiente organizado, apesar de diferente. As propostas de práticas musicais ocorriam, ainda, predominantemente, no horário extra-curricular das 18 horas, no que ficou conhecido como a Roda de Musicalidade do CESAS. Apesar da roda ser a principal ação, houve algumas entradas na sala de aula de Artes. As atividades aconteciam em rodas na sala de Educação Física e procuravam envolver

quaisquer interessados em atividades musicais, apesar de o violão ser o principal instrumento presente. Alguns alunos o traziam de suas casas. A partir da universidade, e também com apoio da escola, pudemos oferecer outras 3 unidades do instrumento. E com a colaboração dos estagiários que dispunham dos seus, conseguíamos promover uma boa roda de violões, acompanhadas também com alguns instrumentos percussivos de pequeno porte, chocalhos, ganzás, clave, triângulo, etc, de propriedade da professora supervisora, que também levava seus violões.

Creemos que as principais características do modo como agíamos foram bem identificadas pelo estagiário no trecho a seguir:

Porém, logo nos primeiros dias eu já me vi ali no centro com um violão tentando **repassar os acordes de uma das músicas** do repertório do grupo. Fui aos poucos conhecendo as pessoas, **entendendo o tempo, que é curto**, apenas uma hora, entendendo um pouco os motivos de cada um estar ali, entendendo **o processo de cada um**, e também o processo **do grupo como um todo**. Ainda estou entendendo tudo isso, a cada dia, um pouco mais. Pensando também no desafio de proporcionar a experiência musical agradável a todos que no final das contas é nossa intenção sempre, e é também quando **a magia da linguagem musical acontece, nos mobiliza e mexe com as coisas dentro da gente, reorganiza nossos entendimentos, pensamentos, sensações e sentimentos**. (Relato do estagiário Éveri, 2018, grifos nossos)

Deste trecho, passamos a destacar alguns aspectos principais como, o papel do professor, a diversidade dos participantes e algumas estratégias de aprender e ensinar.

1) O papel do professor

Inspirados nas experiências dos estágios no ambiente do “Cineclube Cafezinho”, no GISNO, e reforçando-nos nos fundamentos do Projeto *Connect* (FEICHAS e MACHADO, 2009), a ideia era que pudéssemos fazer da roda um encontro de muita fluência musical, o máximo do tempo possível. O tempo era curto. Diferentemente do projeto *Connect*, raras vezes temos uma proposta de criação musical original. Porém, procuramos lidar com o fluxo de informações para que a dinâmica das atividades seja identificável como “musical” e lidamos muito com o improviso. Isso significa que o professor geralmente fica no comando de uma roda, como um regente, atento aos desafios de colocar todos os participantes em ação: com

o violão ou instrumentos de percussão e também cantando, e para tanto, é inevitável improvisar no sentido de criar fluxos ali, no momento. De forma que a roda seja vivenciada como um espaço de acolhimento de todas as habilidades e desafios. Isso requer do professor bastante atenção, criatividade, engajamento e energia. Creio que esses são os valores fundamentais que interpreto da proposta do Projeto *Connect* com os quais nos aproximamos. O professor é visto, então, como um gerenciador da energia do grupo. Nesse sentido, ele está sempre criando/improvisando e colocando as pessoas em interação.

Outro ponto a ressaltar na questão do papel do professor é que procuramos fazer o trabalho colaborativo, em que os estagiários têm que combinar entre si quais ações vão realizar, como vão organizar o grupo, tendo como princípios essa fluidez musical. Claro que cada um imprime sua personalidade, habilidades, desejos, desafios, mas cremos que uma coisa importante que acontece é esse olhar para a ação do colega, e como bem destacado no relato acima, esse cuidado em chegar, entender o que está acontecendo para então, pensar em agir e contribuir. Isso coloca os estagiários nessa postura colaborativa. As redes sociais acabam auxiliando a trocarem ideias, impressões sobre a “aula” ocorrida, de uma forma mais interativa do que esperar o próximo encontro na sala de aula com a professora para avaliar. A avaliação é também estimulada a acontecer no final de cada atividade, na presença da professora supervisora e de todos os participantes. Tirar as fotos e enviar pelo *whatsapp* virou um protocolo anti-burocrático e relato de bem-estar ou satisfação pelo trabalho da noite.

2) Diversidade e semelhanças dos estudantes atendidos

Esse é outro destaque do relato trazido. A questão da faixa etária diversa é um diferencial. Mas para além da faixa etária, a diversidade também se dá pelas preferências nos instrumentos, gostos musicais e habilidades que já possuem ou dificuldades. São senhoras, senhores e jovens com diferentes aproximações com a música; conta também o cansaço do dia de trabalho ou as dificuldades que sempre enfrentaram para concentração, dificuldades motoras. Há inclusive algumas pessoas com necessidades especiais. Nesse sentido, pensar que a roda é um momento de bons encontros nos parece fundamental e a professora procurava estimular esse sentimento e atitudes nos participantes. Aos poucos, os estagiários foram se preocupando e cuidando melhor do “boa noite”, os momentos de aquecimento, movimentos

com o corpo (o que pode ser tomado como uma brincadeira quase sem sentido para esse público, que está distante dessas ações educativo-musicais, e pode significar apenas uma “brincadeira de criança”). Então, a todo momento, as atividades devem ser explicadas, organizadas, refletidas como importantes para a fluência musical. Em outro trecho, podemos ver a seguinte reflexão:

No projeto musicalidade a roda de violão não é apenas um encontro informal onde os educandos aprendem a tocar. Antes, é um espaço educativo onde o formal e o informal se encontram, onde educadores e educandos são estimulados a refletir sobre o que se ensina e sobre o que se aprende. Diante disso, é importante afirmar que “a educação formal e a aprendizagem informal não são esferas totalmente separadas” (GREEN, 2000 p. 65). Isto é, elas dialogam e se ajudam entre si dando suporte para um ensino inclusivo, democrático, reflexivo e afetivo. (Relato do estagiário Ismael, 2018)

Nesse trecho de reflexão sobre as práticas no Projeto na escola, há o reconhecimento de formas de ensinar e aprender mais dialógicas. A educadora Lucy Green é lembrada como uma referência para avaliarmos a articulação das esferas do “formal” e do “informal”, e também aparecem as questões da inclusão e do afeto. Lembramos de alguns momentos especiais em que as vozes dos estudantes apareciam para contar da sua infância ou juventude, das suas trajetórias de vida, muitas histórias nordestinas de sobrevivência inclusive, de êxodo, ausência de condições materiais e afetivas, histórias pungentes de abandono (Dona Irene), em busca de novas oportunidades. Fazer da roda um momento de acolhimento é mais que uma obrigação pedagógica, e nesse contexto, nos parece fundamental. A música nos auxilia sobremaneira a entrar em conexão com eles, tão diversos, mas partilhando histórias comuns, e como trouxe o relato acima, é sempre o “desafio de proporcionar a experiência musical agradável a todos que no final das contas é nossa intenção sempre, e é também quando a magia da linguagem musical acontece, nos mobiliza e mexe com as coisas dentro da gente, reorganiza nossos entendimentos, pensamentos, sensações e sentimentos”. (Estagiário Éveri, 2018)

3) Estratégias de aprender e de ensinar

Destaco o seguinte trecho: “Penso muito também em como estamos buscando maneiras de ensinar e aprender que remontam a dinâmica popular, da tradição oral, da imitação, da aprendizagem pela prática e pela vivência”. (Relato de Éveri, 2018). Ainda que tenhamos nos apropriado de materiais visuais, xerocados, principalmente para que eles pudessem ter referências dos acordes aprendidos, fora do espaço da roda, neste contexto, fica bastante forte a importância das estratégias orais, de imitação e memorização, o que é comum na música e na cultura popular, mesmo porque muitos têm dificuldades de leitura. Então a questão não é que não pudéssemos usar ou até mesmo estimular o uso de estratégias visuais, mas estamos em um contexto em que as formas orais não podem ser desconsideradas, pelo contrário, elas precisariam até ser mais desenvolvidas.

Após cerca de um mês de atuação, a professora orientadora foi dar uma aula comigo e usou uma abordagem de sentar em roda e estimular um jogo de imitação com percussão corporal, e em seguida aplicar a percussão corporal em grupo, com palmas, estalos e batidas nas pernas, a canções de roda. Os alunos rapidamente entraram no pulso e muitos participaram cantando e contribuindo com ideias em relação a quais sons corporais usar para cantarmos as músicas. (Relato da estagiária Ária Rita, 2018)

O trecho acima trata de uma intervenção que a professora fez na aula da estagiária que enfrentava uma situação mais desafiadora do que a Roda de Musicalidade. Havia uma concentração maior de estudantes com necessidades especiais e relatos de aspectos religiosos que impediam o fazer musical, como a referência que os ritmos não poderiam ser realizados por terem significados negativos. A atuação na sala sempre é mais complexa. O ambiente da roda, não-compulsório, estimula a motivação pois o estudante já vai com vontade de fazer música. Nessa aula, havia ainda a crença negativa de professoras que duvidavam que alguns alunos aceitariam a proposta. Então, havia mais razões para estratégias de envolvimento prático, com o cuidado de modificar os significados pejorativos que a música popular poderia trazer, como movimentos corporais, para alguns religiosos. A abordagem em roda começou com os estudantes sentados e uma conversa sobre se eles gostavam de música, o que ouviam, como ouviam, etc. Aos poucos, a professora foi demonstrando que a vida deles estava plena de música e que a nossa intenção seria fazer música ***com*** eles. E a partir daí,

seguiu-se a proposta de cantarmos e percutirmos o corpo com toques básicos, e mais, eles nos ajudaram a organizar um arranjo conforme as partes das músicas e os toques corporais.

Outro trecho dá uma dimensão do trabalho colaborativo realizado na roda, também permeado pela oralidade:

Terminada esta atividade, foi trabalhado o arranjo da música “O trenzinho caipira”, de Villa Lobos, sob o comando do estagiário Washington. Contou ainda para o arranjo, sugestões dos estagiários Éveri e Ismael na participação de alguns alunos na percussão. Foi acrescentado o dedilhado a música de trabalho e também a levada, executada com os acordes cheios pelos alunos. O aluno Gabriel teve participação considerável no *cajón*, orientado pelo estagiário Ismael. Eu auxiliei na afinação dos violões que estavam bem desafinados. (Relato do estagiário Heliano, 2018)

A participação na roda podia contar com a presença de apenas um estagiário ou vários ao mesmo tempo. A ideia era oferecermos uma hora de atividade por noite, plena de prática musical, em que, aos poucos, íamos reforçando os conceitos praticados, em atividades essencialmente coletivas. As habilidades diferenciadas dos professores permitiam o fluxo do trabalho colaborativo. E o estagiário Washington, que já havia participado no semestre anterior, ficava na função de regente do grupo todo. Muitas vezes ele esteve sozinho, à frente da roda. Ele teve um desenvolvimento interessante ao se posicionar como “o professor que não sabia violão” (que sempre foi a grande demanda dos alunos da escola), e encarou o desafio, para “o regente do grupo”, e criou uma relação de respeito e confiança com as pessoas. Ele foi se adaptando à chegada dos outros estagiários com outros saberes. Assim, outros estagiários também tiveram que assumir essa posição de regente algumas vezes. E as especialidades de saberes ajudavam na fluidez musical da roda, sempre que possível, e aproveitando as diferenças. Claro que isso também representou desafios, no entanto, resalto aqui como houve momentos mais individualizados ao lado de outros mais coletivos. A frequência dos alunos era variável por vários motivos, o que representava outro desafio. No entanto, alguns alunos que mais se identificavam com a proposta foram sustentando o espaço na escola e a própria roda. Um aluno do antigo projeto no GISNO chegou a participar (e continua). Outros alunos, presentes no semestre anterior, se desligaram. Porém o grupo soube se manter, integrando novos e velhos participantes, com participações avulsas ou

“visitantes”, de forma que todos que frequentaram com alguma regularidade puderam preparar um repertório e tocar, o que foi um momento especial, na formatura da escola.

Concluindo: de “Iniciantes” para “A Roda” que tocou na formatura

A maioria dos participantes era, de fato, iniciante, tendo poucas oportunidades de educação formal em música. Alguns tinham alguma prática básica. A Roda de Musicalidade reuniu em torno de 20 pessoas. Um momento importante de reconhecimento para a comunidade escolar, e que foi sendo construído no desenrolar de nossa presença na escola, foi a formatura no final de 2018. O grupo foi convidado a tocar na cerimônia e isso foi um sinal bastante importante sobre o que a música conseguiu promover e o que as pessoas que participaram conseguiram alcançar. Nem todos puderam participar. Foi um momento difícil, pois a data da formatura avançou no mês de dezembro e os estagiários estavam bastante ocupados com seus compromissos de final de semestre. No entanto, o engajamento deles com as pessoas e o projeto foi tanto, que eles fizeram questão de participar desse momento final e nós nos organizamos para que pudéssemos manter uma agenda de ensaios e manutenção da energia necessária para esse momento final. O estagiário Ismael não pode comparecer por motivo de viagem, no entanto se comunicou “ao vivo” com todos no momento prévio à subida ao palco, em uma demonstração de cuidado e compromisso, e foi então, reconhecidamente, um momento importante para todos.

No ano de 2019, três dos cinco estagiários participantes continuaram suas experiências de ensinar e aprender. A comunicação no *whatsapp* segue a todo vapor, com ideias, informações, trechos dos ensaios, e as fotos não-burocráticas a cada final de encontro, além das comemorações de aniversários que o Washington inaugurou. A roda segue renovada, com alguns veteranos aproveitando também a oportunidade reestabelecida e outros novos alunos estagiando também. Procurando valorizar a aprendizagem informal, em seus aspectos de oralidade e auralidade, e a instrução não-formal, que busca a fluência das práticas musicais, construiu-se um modelo de ação em que o “improviso” e “o trabalho coletivo” faz parte integral do projeto. No ano de 2019, a escola disponibilizou mais um profissional, professor de Música, para auxiliar no projeto, aumentando as possibilidades de

inserção de licenciandos tanto na Roda, quanto nas salas de aula. Trata-se do desenvolvimento e sustentação de motivação, repertório musical e de ações pedagógico-musicais promovendo rearranjos criativos e participativos, preparação para performance, sempre em um movimento de escuta permanente e diálogos, enfrentando os desafios e lidando com as possibilidades reais, acreditando que todos podem aprender, independentemente de quais sejam suas necessidades. Tal movimento nos afasta de uma prática docente bancária, aquela em que o indivíduo é visto como recipiente vazio a ser preenchido com conteúdos “depositados” (FREIRE, 1987, p. 58), e quem sabe, assim nos aproximamos mais de novos entendimentos e pensamentos sobre o que é a música e como ela pode atuar de forma mais coerente e consciente para a formação humana.

Referências

_____, Projeto Musicalidade no CESAS, Apresentado à CRE, SEE-DF, 14/09/2018.

FERLIM, Uliana D. C. Ensino e Aprendizagem de Música Popular: interdisciplinaridades, práticas criativas e colaborativas em um curso superior de licenciatura e em escola de ensino médio. I Encontro Brasileiro de Música Popular na Universidade. *Anais...* Porto Alegre: Marcavivisual, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/musicapopularnauniversidade/anais-15.02.2016>> Acesso em 07/06/2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GREEN, L. Poderão os professores aprender com os músicos populares? Em: *Música, Psicologia e Educação*, n. 2, pp. 65-79, 2000.

FEICHAS, H. e MACHADO, D. Projeto *Connect* na Escola de Música da UFMG. XVIII Congresso Nacional da ABEM, *Anais...*, Londrina, 2009.

SMITH, M. K. (2003, 2009) '*Jean Lave, Etienne Wenger and communities of practice*', *the encyclopedia of informal education*, Disponível em <<http://infed.org/mobi/jean-lave-etienne-wenger-and-communities-of-practice/>> Acesso em 30 de maio de 2019.